

DOMINGO ILUSTRADO (O) – Semanário editado regularmente, em Lisboa, entre **Janeiro de 1925 e Dezembro de 1927**. A sua curta existência coincide com um período de grande perturbação política e social, que muitos autores consideram mesmo de guerra civil latente, e que conduzirá à **Ditadura Militar**, instaurada pelo golpe militar de 28 de Maio de 1926.

Há já algum tempo que um cortejo de escândalos económicos, atentados, insurreições militares, greves e boatos agita o quotidiano e nada, nem ninguém, consegue obstar-lhe. A divisão grassa entre as principais forças políticas e as soluções governativas, sem força nem vontade para pôr em marcha as reformas necessárias ao saneamento e renovação da vida pública, sucumbem sob o fogo cruzado dos radicais de esquerda e da oligarquia.

Quando *O Domingo Ilustrado* (DI) sai pela primeira vez do prelo, preside ao governo José Domingues dos Santos que tomou posse a 22 de Novembro de 1924. O ambiente está dominado pela organização das forças de direita em torno da chamada **União dos Interesses Económicos**: as soluções preconizadas pelos últimos governos para resolver a crise põem em perigo o seu domínio e as suas prerrogativas. A 10 de Fevereiro de 1925, por ocasião de uns debates sobre uma proposta de reforma bancária, o governo é derrubado no parlamento.

O primeiro número é lançado no dia 18 de Janeiro, com o título de **O DOMINGO ilustrado: notícias & actualidades graficas, teatros, sports & aventuras, consultorios & utilidades**. Propriedade da empresa *Domingo Ilustrado*, a redacção, a administração e as oficinas partilham a mesma sede, na Rua D. Pedro V, 18, em Lisboa. Quanto à impressão, não é indicada nenhuma empresa, mas a morada difere da anterior: Rua da Rosa, 99 e, a partir de Agosto, Rua do Século, 150.

Como editor e director gerente é indicado **Eduardo Gomes**, mas a situação alterar-se-á durante o primeiro ano. A partir do terceiro número e até à extinção do jornal, a direcção é assumida por **Leitão de Barros**¹ e **Martins Barata**², mantendo-se Eduardo Gomes como editor gerente até Abril. A partir deste mês, Leitão de Barros acumula as funções de editor e director. Entretanto, a partir de Setembro, surge pela primeira vez a referência ao chefe de redacção

¹ José Júlio Marques Leitão de Barros, natural de Lisboa (1896), desenvolveu actividade como professor, realizador de cinema, escritor, jornalista e pintor. Colaborou regularmente no *Correio da Manhã*, *O Século*, *A Capital*, *Imprensa da Manhã*, *A Noite e ABC*, além de ter fundado e dirigido *O Domingo Ilustrado*. O seu interesse pelas artes gráficas levaram-no a Frankental, na Alemanha, onde fez a aprendizagem da heliogravura. Foi um difusor deste processo em Portugal que fez brilhar no *DI* e, posteriormente, no *Notícias Ilustrado*, que também dirigiu, e no *Século Ilustrado*.

² Jaime Martins Barata nasceu em Castelo de Vide (1899), e frequentou a secção de desenho, da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa. Considerado discípulo de Raquel Gameiro, notabilizou como pintor aquarelista nas exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes. Como ilustrador também granjeou rapidamente o reconhecimento do público. Parte do seu percurso é comum ao de Leitão de Barros, tendo co-fundado e dirigido os mesmos semanários ilustrados.

que é **Henrique Roldão**³. No final do ano está finalmente estabilizado o corpo dirigente deste periódico.

O enfoque diversificado do título e a cadência semanal, a coincidir com o dia de descanso, pouco dizem sobre a natureza deste periódico, de **12 páginas**, profusamente ilustradas. Por isso, recomenda-se a leitura do editorial do primeiro número, onde **Carlos Malheiro Dias**⁴ apresenta o programa deste «jornal destinado a toda a gente», que promete procurar as «afinidades evidentes ou recônditas que entre as várias classes subsistem» e que recusa ser «o jornal de Lisboa ou do Porto – será o jornal de Portugal.»

A ênfase colocada no que é comum e de âmbito nacional, tal como a natureza inócua dos temas que elegeu, parecem exprimir uma vontade de demarcação em relação à realidade envolvente. Opção que tem por base a ideia de que a política é uma «arena de lutas e discórdias», e por isso «ser-lhe-á tão indiferente como às pombas bravas do arco da rua Augusta». *DI* será sim o espelho de «um país de trabalho e de recreio, de fabricas e romarias, de vinhedos e olivais, de monumentos e de paisagens, de lirismo e de pitoresco, de cultura e de esporte».

Um editorial cheio de significados, senão mesmo prenunciador. Porque o que está, de facto, espelhado no editorial-programa do *DI* é uma imagem profundamente negativa da política, enquanto jogo protagonizado por partidos, e, conseqüentemente, da própria democracia, enquanto sistema político. Esta será a mensagem de fundo que trespassará subliminarmente todas as edições até ao golpe de 28 de Maio de 1926. Era então chegada a hora de aclamar sem reservas as forças que, sob o comando do general Gomes da Costa, se sublevaram em Braga e se põem em movimento para Lisboa para confiscar o poder. O *DI* está ao serviço da sua legitimação e da mobilização da nação: «Este Homem tem poder: Ajudemos este homem a salvar Portugal!» – proclama em primeira página, ilustrada com a bandeira nacional e uma fotografia do militar.

Mas a divisão grassa também entre os comandantes militares, pelo que a solução de compromisso, assente no triunvirato formado por general Gomes da Costa, capitão Mendes Cabeçadas, general Fragoso Carmona, revelar-se-á frágil. Ao *DI* não resta outra alternativa senão a de dar testemunho de que a engrenagem da violência se mantém implantada no quotidiano nacional,

³ A sua actividade dividiu-se pelo teatro e pelo jornalismo. Em ambas deixou a marca do seu humorismo. No que toca à imprensa, os seus contos e crónicas distribuem-se por periódicos como *A Victória*, *Correio da Manhã*, *Ilustração Portuguesa* e *Domingo Ilustrado*, além de ter fundado e dirigido os jornais humorísticos *Riso da Victória* e *ABC a Rir*. Durante alguns anos foi secretário-geral do Grémio dos Artistas Teatrais. A morte de Henrique Roldão, em Outubro de 1926, é anunciada com pesar no *Domingo Ilustrado*.

⁴ É natural do Porto (1875) e notabilizou-se sobretudo como escritor (romance, teatro), mas teve também uma carreira política, embora efémera: quando se dá a proclamação da República exila-se no Brasil. É aí que se estreia como escritor, além de ter colaborado em várias revistas e dirigido a *Revista da Semana*. Também é sua a coordenação literária da *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, que por motivo da sua doença não se concluiu, apenas se publicaram 3 volumes (1921-1924). Em 1935, foi nomeado embaixador de Portugal em Espanha, mas não chegou a tomar posse.

alimentada por focos de resistência à ditadura e desacertos entre os militares. Mas a sua visão messiânica, articulada com o discurso em defesa da ordem, mantém-se.

A mensagem doutrinária (ideológica) do *DI* é veiculada, sobretudo, através das rubricas vocacionadas para o comentário, centradas na segunda página: «ecos», sem assinatura; a «má língua» de «Taço», pseudónimo de **Tomás Ribeiro Colaço**⁵; e «questão prévia», por **Feliciano dos Santos**⁶. Em prosa ou verso, com o tempero do humor ou do sarcasmo, estes homens encarregar-se-ão de explorar os sinais da fraqueza e decomposição institucional da República como o *Putsch* de 18 de Abril de 1926, ou o escândalo financeiro que envolveu o Banco de Angola e Metrópole. Tal como darão voz aos interesses de grupos económicos, nomeadamente na famosa “questão dos tabacos”, cujo monopólio por privados terminou a 30 de Abril de 1926 e o governo quer agora explorar sob a forma de *régie*. Só para referir alguns exemplos da missão erosiva que desenvolveram.

As outras páginas interiores, depois de algumas reformulações, estabilizam em torno das seguintes secções: «Humorismo», onde se destaca a «crónica alegre», na maioria das vezes assinada por Henrique Roldão ou **André Brun**⁷; «Curiosidades», de divulgação científica ou histórica; «Sports», dirigida por **Corrêa Leal** e que conta também com a colaboração de Francisco Guedes; «Teatros», assinada regularmente por Henrique Roldão, **Armando Ferreira**⁸,

⁵ É natural de Lisboa (1899) e formou-se na Faculdade de Direito. É tido por monárquico convicto, de tipo ultra-liberal e moderno. Dedicou-se desde novo ao jornalismo, pelo que a sua prosa e versejar, em regra de fino calibre humorístico, se podem encontrar em periódicos como *Comércio de Viseu*, *Opinião*, *O Dia*, *Correio da Manhã*, *Diário de Lisboa*, *Civilização*, *Maria Rita*, *Notícias de Lourenço Marques*, *Século Ilustrado*, *Voz*, *Humanidade*, *Juventude*, entre outros. Fundou e dirigiu o semanário literário *Fradique*. Também colaborou na Emissora Nacional, com dois programas populares, a *Crónica de Domingo* e *Crónica da Crítica*. Refira-se ainda que foi presidente do Sindicato da Imprensa Portuguesa, que abandonou quando este deu lugar ao Sindicato Nacional dos Jornalistas. Deixou também alguma obra literária.

⁶ Feliciano da Conceição Santos é natural de Lisboa (1886) e formou-se em Direito na Faculdade de Coimbra. O seu nome está ligado ao teatro e ao jornalismo. No mundo das artes cénicas redigiu operetas e traduziu e adaptou algumas peças teatrais, mas também fundou e dirigiu diversas organizações representativas como a Associação dos Trabalhadores Teatrais, o Grémio e a Caixa de Reforma e Pensões dos Artistas Teatrais. Como jornalista estreou-se no *Povo*, depois colaborou no *Riso da Victória* e em quase todos os periódicos republicanos da sua época. Dirigiu o *ABC a Rir* e foi chefe de redacção da *Ilustração*, *Diário Popular* e *Notícias Ilustrado*.

⁷ André Francisco Brun, natural de Lisboa (1881), notabilizou-se como comediógrafo e humorista. Formou-se na Escola do Exército, onde tirou o curso de infantaria. Atingiu o posto de major. Foi no cenáculo artístico «Águia», que ajudou a fundar, que expôs à apreciação do publicou os seus dotes literários. Em 1907, começou a colaborar no *Novidades* e no *Suplemento humorístico do Século*. A popularidade que alcançou fizeram com que esse material alegre desse lugar ao livro *Sem pés nem cabeça*, a que se seguiu, o *Cada vez pior* e muitos outros da mesma lavra. Deixou também uma vasta obra teatral. Faleceu em Dezembro de 1926, como o *DI* anuncia com pesar.

⁸ Armando da Silva Ferreira, natural de Lisboa (1893), formou-se em engenharia no Instituto Superior Técnico, mas interessou-se pelo jornalismo e deixou vasta obra literária. O humor é a sua marca de excelência, embora se tenha dedicado a outros géneros. No ano em que completou a sua formatura (1918), tornou-se redactor d' *A Capital*, onde se manteve até 1925. Aí foi crítico teatral e chegou a chefiar a redacção. Também foi crítico do *Notícias Ilustrado* e do *Jornal do Comércio*. Manteve colaborações regulares com o *ABC*, *Ilustração Portuguesa*,

Artur Portela, entre outros; duas páginas de novela, assinadas por mais de duas dezenas de autores, entre os quais se destaca **Reinaldo Ferreira**, o famoso «Repórter X»; três páginas de natureza lúdica, onde figuram charadas, jogos de tabuleiro, etc., e espaços abertos à participação dos leitores, os «consultórios» do médico, do advogado, do professor e da modista; «Actualidades gráficas», invariavelmente preenchida com fotografias legendadas sobre os mais diversos temas; e «Publicidade», embora também se possa observar pequenas inserções publicitárias nas restantes páginas. A primeira e última página são ocupadas exclusivamente com imagens (fotografia ou ilustração).

No último número publicado em 1925, numa espécie de balanço ao primeiro ano de edição, há referência ao «corpo redactorial» do *DI*. Completamos essa informação, referindo a colaboração dos **fotógrafos**: Ferreira da Cunha, Arnaldo Garcez, Mário de Novaes, Raul Reis, Serra Ribeiro. No que toca à **ilustração e cartoons**, verificámos a presença das seguintes assinaturas, a maioria das quais pseudónimos ou siglas: A.A.F.C., B.B., Martins Barata, Carlos Botelho, CARREIRA, Ricardo Marim, M.D., Paléco, PNNR, A Peres, Ribo, Manuel Roque Gameiro, Raquel Roque Gameiro Ottolini, Sampaio, São Paio.

Tendo provavelmente em vista a sua penetração e consolidação no mercado dos periódicos, o *DI* desenvolveu de forma continuada uma estratégia de proximidade e “abertura” aos leitores através de concursos diversos nomeadamente, um de «novelas curtas», anunciado no nº 36, ao qual terão concorrido mais de 250 textos. Os três vencedores foram publicados. Outros indicadores – como a existência de um agente comercial, ou a presença constante de pelo menos uma página de publicidade de marcas prestigiadas – evidenciam também uma política comercial cuidada. Logo no primeiro número pode ler-se: «A publicidade tem de ser feita com inteligência, senão é inútil a quem anuncia. O «Domingo Ilustrado» é um semanário que há 4 meses está instalando por todo o paiz as suas agências e tem portanto uma enorme expansão desde o seu início. O *anuncio especializado* é o mais útil de todos. Assim, na *Página Feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc. «Fuja de anunciar no *cemitério dos anúncios* que são as grandes páginas de anuncio dos periódicos diários os quais têm a vida efémera dumas horas. «O «Domingo Ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultórios, nos hotéis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anúncios* especializados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.»

Não obstante o sucesso comercial e o interesse do público – constantemente apregoado, embora sem referir a tiragem –, em Dezembro de 1927, o *DI* informa os leitores do fim da publicação. Mas em jeito de reconforto adianta que o *DI* «não fechará as portas. Dará lugar a sua ausência, ao aparecimento de outro jornal – mais moderno, mais europeu, mais adequado a um paiz que, como o nosso, vive uma ansiosa hora de ressurgimento e de vontade de

vencer.» Considerando que o lançamento do *Notícias Ilustrado* se verificou pouco tempo depois, em Março de 1928, e que Leitão de Barros foi seu director, acreditamos que os dois periódicos estão umbilicalmente relacionados.

Rita Correia
(10/11/207)

Bibliografia: *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d; MARTINS, António Viana, *Da I República ao Estado Novo*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976; MEDINA, João (Dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Ediclube, 1998; TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.^a Edição, Lisboa, Caminho, 1989.